
A racionalidade do populismo digital

The rationality of digital populism

Reginaldo Clécio dos Santos^a, Albérico Araújo Sial Neto.

^a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: regiscleciosantos@gmail.com.

Resumo: Os estudos acerca do populismo digital defendem que o uso populista das fake news têm por objetivo o apelo à irracionalidade. Esse apelo contribuiria para uma distinção afetiva e identitária entre os seguidores do líder e a elite opositora. No entanto, tal perspectiva é deficitária em vários pontos, sendo os dois mais importantes: (1) não responde o porquê das fake news populistas serem relativamente imunes à checagem de fatos e (2) não oferece ferramentas satisfatórias de combate a essas fake news. Ademais, essas limitações parecem estar diretamente relacionadas a uma visão filosófica equivocada que analisa as fake news populistas apenas pelos critérios de verdade e falsidade. Por sua vez, no lugar de simplesmente apelar às emoções, defendo que o uso populista das fake news tem origem em uma racionalidade que visa introduzir indivíduos numa determinada visão de mundo cujas regras articulam significados e sentidos atravessando processos de subjetivação. Dessa maneira, a partir das reflexões do segundo Wittgenstein, argumento que o uso populista das fake news visa ao estabelecimento de uma normatividade sobre aspectos do mundo. Isso explica o porquê das fake news populistas produzirem graves consequências ao romper com as fronteiras de articulação entre verdade e política. Nesse sentido, o populismo digital oferece um desafio para as democracias atuais, haja vista que a distinção entre os seguidores do líder populista e a elite deixa de ser apenas identitária e afetiva e passa a ser também normativa.

Palavras-chave: Fake News; Normatividade; Populismo Digital; Racionalidade; Visão de Mundo.

Abstract: Studies on digital populism argue that the populist use of fake news aims to appeal to irrationality. This appeal would contribute to an affective and identity distinction between the followers of the leader and the opposing elite. However, this perspective is deficient in points, the two most important of which are: (1) it does not answer why populist fake news is relatively immune to fact-checking and (2) it does not offer several satisfactory tools to combat such fake news. Furthermore, these limitations seem to be directly related to a mistaken philosophical vision that analyzes populist fake news only by the criteria of truth and falsity. In turn, instead of simply appealing to emotions, he argues that the populist use of fake news has its origins in a rationality that aims to introduce individuals into a certain worldview whose rules articulate meanings and meanings going through processes of subjectivation. In this way, based on the reflections of the second Wittgenstein, he argues that the populist use of fake news aims to establish a normativity on aspects of the world. This explains why populist fake news produces serious consequences by breaking the boundaries between truth and politics. In this sense, digital populism offers a challenge to current democracies, given that the distinction between the followers of the populist leader and the elite is no longer just identitarian and affective but also becomes normative.

Keywords: Fake News; Normativity; Digital Populism; Rationality; Worldview.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do populismo ganhou relevância no cenário político atual devido à rápida ascensão de líderes populistas. Essa ascensão é tão marcante que alguns teóricos se referem ao atual período como o momento populista (Mouffe, 2019), o zeitgeist populista (Mudde, 2021) e até mesmo o século do populismo (Rosanvallon, 2021). No geral, tais estudos se dividem em duas abordagens: uma mais atenta às circunstâncias ou condições sociais do populismo (mínima) e outra interessada principalmente na sua natureza e características políticas (máxima) (Urbinati, 2021). Teóricos da vertente minimalista, como Canovan (1982), em diálogo com Husserl, chegam a propor uma fenomenologia do populismo. Enquanto isso, teóricos da vertente maximalista, como Laclau (2005) e Mouffe (2019), influenciados por uma matriz wittgensteiniana, adotam uma perspectiva analítica que não só define o populismo, mas também analisa as práticas que o compõem, propondo uma concepção discursiva desse fenômeno político.

O debate sobre o populismo digital é predominantemente pautado pela perspectiva minimalista. Nesse sentido, a circunstância social de crescente liberdade das pessoas para criar conteúdo, o que seria a força motriz da geração de fake news (Hidalgo et. al., 2020), torna os fatos objetivos menos relevantes para a opinião pública do que a exaltação das emoções (García, et. al. 2020). Essa mudança social seria a principal base para o surgimento do populismo digital, onde os populistas apenas “aprenderam a utilizar as notícias falsas e a mídia [digital] para benefícios próprios” (García, et. al., 2020, p. 78). Portanto, o populismo digital seria uma adaptação das experiências populistas anteriores ao incorporar esse novo elemento contextual.

Ou seja, as pesquisas sobre o populismo concentram-se na análise do populismo digital. Tais análises apontam para uma relação direta entre populismo e disseminação de fake news, que emerge na circunstância social de crescente liberdade das pessoas para criar conteúdo. Essa circunstância seria a força motriz da geração de fake news (Hidalgo et. al., 2020) e tornaria os fatos objetivos menos relevantes para a opinião pública do que a exaltação das emoções (García et. al., 2020). Ademais, a circunstância de liberdade de criação de conteúdo seria a principal base para o surgimento do populismo digital, onde os populistas apenas “aprenderam a utilizar as notícias falsas e a mídia [digital] para benefícios próprios” (García, et. al., 2020, p. 78). Em essência, o populismo digital seria uma adaptação do populismo tradicional, incorporando esse novo elemento contextual. Assim, resumindo, o populismo digital seria um movimento em que, auxiliado pelas fake news e as mídias digitais, inclui “comuns” por meio de um processo paralelo de exclusão no qual o establishment político é a externalidade, a elite, contra a qual o povo deve se posicionar.

Em um mundo amplamente digitalizado, essas análises do populismo digital parecem ineficientes. Elas não conseguem caracterizar de maneira abrangente o populismo digital e não introduz novos elementos analíticos que justifiquem o conceito. Em vez disso, ela simplesmente destaca a adaptação das já conhecidas estratégias populistas ao ambiente digital. Quando considera a relação entre fake news e populismo digital, essa abordagem tende a interpretá-la como uma tentativa de mobilizar emoções de apoiadores por meio de fake news política e fake news eleitoral, negligenciando a objetividade. Baseada na verdade e falsidade, essa interpretação apresenta problemas

epistemológicos, pois indicam que o objetivo das fake news no contexto populista é unicamente desacreditar políticos, o sistema eleitoral e jornalistas. No entanto, essa interpretação é limitada, uma vez que as bases digitais dessas lideranças também disseminam fake news sobre a forma da Terra, eficácia das vacinas e até mesmo sobre extraterrestres que dominam o mundo.

Por sua vez, muito por conta da atualidade desse fenômeno político, a abordagem maximalista do populismo digital ainda é inexistente. Contudo, dada sua inclinação à investigação da natureza do populismo e à análise das práticas que o compõem, é possível dizer que uma investigação máxima do populismo digital não recairá nos mesmos problemas da abordagem mínima. Para tanto, não descarto por completo as considerações feitas pela abordagem mínima, mas realizarei algumas inversões de relação a fim de caracterizar a natureza e as práticas do populismo digital.

Nesse sentido, a inversão mais importante a se fazer está na relação entre populismo e fake news. Assim, em contraste, é possível afirmar que o populismo digital não é meramente uma adaptação do populismo tradicional à era digital. Muito pelo contrário, se levada em consideração que a comunicação populista online está diretamente ligada à difusão estratégica de fake news (Cesarino, 2022; Bruzzone, 2021), é possível dizer que o populismo digital opera uma mutação em relação às experiências populistas passadas. Isso porque a apropriação populista das fake news é caracterizada por uma racionalidade que visa introduzir pessoas numa visão de mundo, isso é, o uso populista da fake news visa introduzir critérios, uma gramática, uma lógica, pelos quais se interpreta o mundo.

Embora não exista uma relação necessária entre verdade e política, é possível afirmar que nenhuma outra experiência fez uso da mentira como seu principal método de atuação. Assim,

enquanto no passado as mentiras eram vistas como instrumentos relativamente inofensivos aos meios violentos na política (Arendt, 2000), hoje, devido ao populismo digital, elas são vistas como uma ameaça à democracia que devem ser prontamente abordadas pelos estudiosos das mais variadas áreas das humanidades (Prereira et. al., 2023).

No entanto, em vez de simplesmente apelar às emoções, as fake news são deliberadamente criadas e estrategicamente difundidas na esfera digital com o propósito de desinformar. Populistas digitais como Donald Trump (EUA), Jair Bolsonaro (Brasil) e Javier Milei (Argentina), propagam essas desinformações com o objetivo de fortalecer e manter as bases de seguidores. O fortalecimento e a manutenção dessas bases estão mais relacionados ao uso populista das fake news do que ao frenesi emocional que essas fake news podem causar. Isso explica por que, mesmo sendo absurdas, essas fake news ganham proporções significativas no cenário político.

Influenciado pelas reflexões de Wittgenstein, é possível dizer que o uso populista das fake news visa estabelecer normas, regras e restrições, definindo o que é legítimo ou ilegítimo, apropriado ou inapropriado, tudo isso sem depender da interferência da verdade e da falsidade. Quer dizer, o uso populista das fake news assume um aspecto normativo. A ideia de normatividade, desenvolvida pelo segundo Wittgenstein (Investigações Filosóficas, Sobre a Certeza e Zettel) está ligada à compreensão de que regras e convenções determinam significados, práticas sociais e criam critérios pelos quais se avalia estados de coisas. As proposições que exprimem regras não podem ser categorizadas como falsas, uma vez que elas expressam uma limitação no campo de manobra combinatório da articulação entre proposições (Silva, 2020). Assim, o uso populista das fake news não se relaciona com a verificação e atribuição de

verdade a partir de dados empíricos, mas, sim, estabelece parâmetros semânticos-normativos. Dessa forma, as fake news populistas instauram normas que são o fundamento infundado do pensamento e da ação, não sendo apenas mentiras contra rivais políticos.

Nessa perspectiva, no lugar de serem fruto de uma dissonância cognitiva (Rocha, 2023) e/ou serem parte de uma gramática conspiracionista que aponta para causalidades simplificadoras e imaginárias (Cesarino, 2022), essas fake news têm origem em uma racionalidade que visa introduzir indivíduos numa determinada visão de mundo cujas regras articulam significados e sentidos atravessando processos de subjetivações. Assim, o populismo digital instaura uma virada normativa na política. Esse giro normativo permite ao populismo digital ser caracterizado como uma prática que cria uma visão de mundo populista a partir da apropriação da esfera digital. Por consequência, a função populista das fake news vai além dos critérios de verdade e falsidade. Isso porque as diversas formas do uso populista das fake news, que se cruzam e se justapõem, atravessam práticas normativas sobre aspectos do mundo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Antes mesmo do surgimento do populismo digital, teóricos do populismo não ousavam em se referir ao atual período como o momento populista (Mouffe, 2019), o zeitgeist populista (Mudde, 2021) e até mesmo o século do populismo (Rosanvallon, 2021). Nesse contexto, o surgimento do populismo digital potencializou a impressão de que o populismo é uma experiência política corrente em nossa era.

A análise da estrutura de notícias falsas é uma das principais contribuições dos estudos do populismo digital à epistemologia das fake News. Tais análises indicam que são elementos das fake news:

“(1) o componente de uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; (2) o componente da falsidade total ou parcial da narrativa e; (3) a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções através da propagação dessas informações na mídia social” (Recuero & Gruzd, 2019, p. 32). Em suma, as fake news consistem em informações ou notícias intencionalmente falsas cujo objetivo é, ora enganar, ora criar falsa percepção.

Dado que a transmissão deliberada de desinformação é uma das marcas do populismo digital, a análise estrutural das fake news se relaciona diretamente como investigação do papel dessas notícias falsas para o populismo digital. Conforme Raquel Recuero e Anatoliy Gruzd (2019), as fake news circulam intensamente entre os simpatizantes de líderes populistas, com o objetivo de deteriorar a imagem dos políticos de oposição. Por sua vez, Rute Rita Maia (2020) argumenta que os líderes populistas utilizam as fake news para fortalecer a narrativa de que os jornalistas são inimigos, descredibilizando aqueles que desmentem as notícias falsas ou verificam os fatos. Além disso, Paulo Mangerotti, Vasco Ribeiro e Patricia Gonzáles-Aldea (2021) afirmam que as mensagens falsas nas redes sociais populistas culpabilizam as elites e fortalece os medos do povo. Tudo isso reforçando a imagem de autenticidade dos líderes populistas (Maia et al., 2022).

Embora tenham assumido a vanguarda das investigações sobre o populismo digital, essas pesquisas parecem indicar que há apenas uma adaptação das já conhecidas estratégias discursivas do populismo ao âmbito digital. Isso significa que as fake news apenas contribuem com a comunicação populista, que visa três efeitos: (1) fortalecimento da imagem dos políticos como líderes do povo; (2) criação de um discurso que divide a sociedade entre povo (puro, verdadeiro e autêntico) e a elite (corrupta, egoísta e traidora); e (3) a mobilização dos afetos. Apesar dessas

pesquisas esclarecerem a adesão dos líderes populistas às fake news, elas oferecem pouca explicação sobre por que essas notícias falsas têm tanto alcance (Vosoughi et. al., 2018) e por que as verificações de fatos são ineficazes na redução da desinformação política e eleitoral (Pavão et. al., 2022).

Nesse sentido, não é exagero dizer que as análises da relação entre populismo digital e fake news é limitada e não fornece uma compreensão abrangente da atual formação de sujeitos populistas. Isso se dá muito por conta de uma desatenção dos teóricos do populismo ao problema filosófico subjacente. É possível dizer que o problema filosófico que a literatura sobre o populismo enfrenta é a visão limitada de verdade e falsidade. Ao assumir que a verdade e falsidade é estabelecida apenas pela verificação dos fatos, os teóricos do populismo digital não conseguem oferecer uma resposta satisfatória sobre qual a racionalidade está por trás do populismo digital. Com isso, a fim de responder às questões ainda não respondida pelos teóricos do populismo mostrarei que o populismo digital opera um uso das fake news que é anterior a verdade, um uso semântico-normativo.

Para tanto, analisarei algumas fake news que geralmente não são examinadas pelos pesquisadores, aquelas que carecem de um inimigo direto e frequentemente são consideradas absurdas. Exemplos incluem as fake news que dissertam sobre o formato da terra ou as que dissertam sobre a existência de uma organização formada por agentes humanos e/ou alienígenas que controla todo o mundo. Essas fake news absurdas são tipicamente avaliadas apenas com base na verdade e na falsidade, o que limita a compreensão de seu uso político específico. No entanto, uma análise mais abrangente, levando em conta essas fake news como o estabelecimento de regras, revela que essas fake news desempenham um papel crucial como diretrizes para a sustentação do populismo digital. Essa perspectiva

amplia nossa compreensão do populismo digital, pois leva em conta que, a normatividade, seguir uma regra, implica na restrição e condicionamento das possibilidades e ações, não se limitando apenas à verdade e falsidade (Silva, 2020).

Seguindo a perspectiva do segundo Wittgenstein (Investigações Filosóficas, Sobre a Certeza e Zettel compreender as fake news populistas por uma perspectiva semântico-normativa significa dizer que, no lugar dessas proposições serem testadas pela experiência empírica, elas são as regras dos testes, justamente porque elas resistem às evidências recalcitrantes. Assim, é possível dizer, o fato de essas fake news dificilmente serem falsificadas (Pavão et. al., 2022) é um forte indicativo de que não sejam proposições de caráter epistêmico.

Como é sabido, a noção de regra de teste está associada às noções de jogos de linguagem e forma de vida elaboradas por Wittgenstein. Os jogos de linguagem são práticas que envolvem o uso da linguagem em diferentes contextos. Eles representam a relação entre linguagem e ações, como seguir regras, comunicar, dar ordens. Esses jogos são permeados pelos usos estabelecidos em práticas coletivas. Desse modo, o conceito de jogos de linguagem se refere à totalidade dos proferimentos linguísticos entrelaçados com atividades não linguísticas. Esse entrelaçamento é constituído pelo consenso preliminar em uma forma de vida compartilhada intersubjetivamente ou por meio da pré-compreensão de uma prática comum regulada por instituições e costumes.

As instituições e costumes que regulam a prática comum são as regras do jogo de linguagem. As regras do jogo de linguagem são regras constitutivas, como as regras da gramática, que são padrões para o uso correto. É o uso correto que determina o significado de uma expressão. Sendo que o termo correto não é sinônimo de verdadeiro, haja vista que “se pode utilizar um termo de acordo com regras linguísticas sem que se diga que algo é

verdadeiro” (Glock, 1998, p. 193). Além disso, o significado das palavras e das ações depende fundamentalmente de como tais palavras e ações são usadas em um contexto de acordo com certas regras. Isso significa dizer que o significado de uma palavra emerge da prática de seguir as regras estabelecidas pela comunidade.

Assim, são as regras dos jogos de linguagem que estabelecem quais proferimentos são válidos ou inválidos, justos ou injustos. Mas não só isso, tais regras estabelecem quais proposições são de constituição empírica e quais não são. Na verdade, “é correto dizer que a mesma proposição pode ser tratada ora como passível de teste pela experiência, ora como regra do teste” (SC §98). Desse modo, as proposições empíricas podem passar a ser proposições que desempenham funções diferentes dentro dos mais variados contextos linguísticos, podem virar proposições dobradiças.

As proposições dobradiças são proposições que regulam os sistemas de referência, as relações conceituais, cumprindo o papel normativo de regras do jogo. Elas são a base dos jogos de linguagem, a estrutura sobre a qual o conhecimento se baseia. Nesse sentido, ao desempenhar um papel normativo-constitutivo, as proposições dobradiças se distanciam da empiria e do valor de verdade determinável e se aproximam do modo de ação (Pich, 2015). Isso é, por serem constitutivas, tais proposições são os passos do jogo (Pich, 2015).

Ademais, há contextos em que as proposições dobradiças são negadas. Esses contextos são contextos de falência comunicacional. Isso porque, se, por um lado, as proposições empíricas geralmente estão inseridas em um contexto favorável à dúvida, por outro, as proposições dobradiças não estão inseridas nesse contexto favorável à dúvida. Ou seja, conforme Wittgenstein, “todo teste, toda corroboração e refutação de uma assunção ocorre já no interior de um

sistema. E esse sistema não é um ponto de partida mais ou menos arbitrário e duvidoso para todos os nossos argumentos; ele pertence, antes, à essência daquilo que chamamos argumento” (SC §105).

É justamente no seguimento de uma ou várias regras que está a normatividade. Nesse sentido, a normatividade refere-se à conformidade com as regras, com os conceitos e com as convenções estabelecidas dentro de uma comunidade linguística específica. Com isso, quem “discorda profundamente de alguém não entende que essa pessoa está simplesmente errada, mas que ela é absurda. Aquilo que o outro defende não se insere em um sistema mais geral de crenças do qual temos certeza” (Jourdan, 2021, p. 71). Nesse contexto, os desacordos ocorrem na medida em que sistemas mais gerais de crenças não coincidem entre si. Ou seja, “‘estamos muito certos disso’ não significa que toda e qualquer pessoa esteja certa disso, mas que pertencemos a uma comunidade que está ligada pela ciência e pela educação” (SC, §298).

Isso significa que as regras, mesmo quando não são explícitas, são consideradas devido à educação dentro de uma comunidade que compartilha certas práticas epistêmicas e forma de vida (Coliva, 2015). Ou seja, “critérios e regras são sempre pressupostos para a determinação do sentido proposicional” (Silva, 2021, p. 264), e esses critérios e regras são fundamentais para atribuir significados às descrições. Devido à natureza constitutiva, as regras estabelecem o “arcabouço conceitual, inferencial e normativo a partir do qual classificamos, descrevemos e julgamos coisas no mundo” (Silva, 2021, p. 265). Com isso, comunidades com práticas epistêmicas distintas tendem ao desacordo, uma vez que as normas não se referem “não representam verdadeiramente ou falsamente um estado de coisas” (Silva, 2021, p. 263).

Nessa perspectiva, levando em conta (1) que podemos entender uma regra pelo seu uso, sem que tenhamos que formulá-la explicitamente (Silva, 2020) – concepção extremamente influente na teoria do discurso (Torfing, 1999) –, e também, (2) que o uso populista das fake news, isso inclui as fake news absurdas, não pode ser investigado apenas pelos critérios de verdade e falsidade, cabe indagar: se o significado de uma proposição consiste no uso, então, qual o uso populista dessas fake news absurdas que as torna significativas?

O uso populista dessas fake news absurdas se dá justamente na sua reprodução como certeza para a qual as dúvidas não fazem sentido. No geral, essa reprodução das fake news absurdas como certezas ocorre em contextos em que se afirma saber daquilo que está sendo divulgado. Esse saber é reforçado pelos membros do grupo ou por supostas autoridades que legitimariam esse saber. Ademais, esse saber vem com evidências válidas para a circunstância de compartilhamento, que não necessariamente são evidências baseadas em observação ou fundamentos lógicos. De todo modo, o compartilhamento das fake news absurdas fortalece as convicções, que são as bases das certezas. É justamente a convicção que pertence ao método do duvidar e do investigar (SC, §151).

Seguindo o raciocínio de que as convicções são anteriores às evidências, indagar qual o uso populista que torna as fake news significativas é também indagar o que faz com que essas fake news se tornem uma convicção. Nesse sentido, não cabe abandonar as categorias de verdade e falsidade em detrimento das categorias de emprego apropriado ou inapropriado. As categorias de verdade e falsidade são norteadoras para a detecção de uma fake news. Todavia, quando os critérios de verdade e falsidade não oferecem uma interpretação sobre a função de uma fake

news dentro do círculo populista, é cabível ampliar os critérios de investigação.

Com isso, defendendo que as comunidades digitais ligadas aos líderes populistas, como Trump, Bolsonaro e Milie, com ampla divulgação de fake news absurdas, operam principalmente no contexto de criar uma outra comunidade ligada pela ciência e pela educação. Esses grupos divulgam informações e elaboram conceitos que, supostamente advindos de personalidades que ocupam o lugar privilegiado da certeza, corroboram para a formação de regras normativamente centrais para que se torne possível julgar as coisas. Os membros dos grupos compartilham esse pano de fundo fortalecendo o quadro de referências para julgar as coisas como verdadeiras. A partir desse atravessamento normativo, proposições que facilmente seriam vistas como empíricas, como aquelas sobre o formato da terra, passam a ser proposições basilares da visão de mundo populista. E quando aparecem pessoas que duvidam dessas proposições dobradiças, não há compreensão dessa dúvida, muito menos compreensão do que essas pessoas aceitariam como prova.

Nesse sentido, as comunidades de seguidores digitais dos líderes populistas conseguem estabelecer novas regras e novos jogos de linguagem. Esses novos jogos estabelecem, por exemplo, que quem faz uso indagativo das proposições dobradiças dessa comunidade, quem faz o uso indagativo dessas fake news, é visto como alguém que não sabe jogar o jogo da dúvida. Com isso, esse uso populista das fake news estabelece desafios para as democracias atuais, haja vista que a distinção entre os seguidores do líder populista e a elite deixou de ser apenas identitária e afetiva, passando a ser também normativa.

Com isso, é possível dizer que não decorre que o termo populismo digital caracteriza apenas a inserção de um determinado líder populista e os seus seguidores no âmbito digital. O termo

populismo digital caracteriza algo muito mais complexo e politicamente desafiador: a construção de uma visão de mundo populista por meio da utilização da esfera digital. Essa visão de mundo é estabelecida pela circulação de fake news que se consolidam como normatividade a partir da troca de certezas, sendo a certeza pressuposto da ação, entre os diversos simpatizantes do líder populista.

3 METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa se concentrou na revisão de literatura de algumas das principais discussões sobre o populismo digital, a fim de identificar fragilidades e contradições na abordagem minimalista do populismo digital, ao mesmo tempo em que reconheceu suas contribuições. Com base nisso e em consonância com as ideias e conceitos do segundo Wittgenstein, tentei desenvolver uma abordagem maximalista que investigou a natureza e as práticas do populismo digital, ampliando os critérios de análise das notícias falsas e destacando seu aspecto normativo, sugerindo que o populismo digital representa uma experiência populista distinta de populismo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um dos principais resultados é a contribuição para o desenvolvimento de uma perspectiva maximalista sobre o populismo digital. Além disso, a presente discussão possibilita uma nova perspectiva sobre como o populismo digital e as fake news estão interligados. Isso inclui o esclarecimento da racionalidade por trás do uso populistas das fake news, mostrando com essa racionalidade molda a opinião pública e consolida o poder de lideranças populistas. Mas não só, tal discussão contribui para o entendimento de como as fake news populistas influenciam a formação de subjetividade dos seguidores

de líderes populistas. Isso inclui a identificação de estratégias específicas que os líderes populistas usam para fortalecer sua base de seguidores. Evidentemente, tais contribuições estão associadas à uma agenda de pesquisa que necessita de maior desenvolvimento.

5 CONCLUSÃO

Dado que a emergente ascensão de líderes populistas é impulsionada pela esfera digital, a presente pesquisa visa contribuir para a caracterização do populismo digital, enriquecendo a sua compreensão. Ao reconhecer o populismo digital como uma prática que envolve a disseminação intencional de fake news com o objetivo de construir uma visão de mundo populista, será possível explorar os paradigmas que surgem a partir da ruptura da fronteira de articulação entre verdade e política. Além disso, essa estrutura teórica facilitará uma compreensão mais aprofundada de como os líderes populistas mobilizam a opinião pública e a sociedade civil por meio das plataformas digitais, oferecendo uma base sólida para pesquisas futuras sobre o tema.

A hipótese defendida é que a noção de populismo digital caracteriza uma prática que tem como principal método político a transmissão deliberada de desinformação, por meio da esfera digital, a fim de criar uma visão de mundo populista. Isso vai além de simplesmente difamar oponentes políticos ou reforçar a imagem de um líder; também visa ao estabelecimento de uma normatividade sobre aspectos do mundo que rege os testes e as análises sobre os eventos políticos e interdita o espaço da contradição.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. Verdade e Política. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o**

Futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 282–325.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo.** São Paulo: Contexto, 2021.

CANOVAN, Margaret. Two Strategies for the Study of Populism. **Political Studies**, v. 30, n. 4, p. 544–552, 1982.

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Avesso: verdade e política na era digital.** São Paulo: Ubu, 2022.

COLIVA, Annalisa. **Wittgenstein Rehinged: the relevance of *On Certainty* for contemporary epistemology.** Nova York: Anthem Press, 2022.

GARCÍA, Santiago Alonso; GARCÍA, Geraldo Gomes; PRIETO, Mariano Sanz; MORENO, Antônio José; JIMÉNEZ, Rodríguez. The impact of Term Fake News on the Scientific Community – Scientific Performance and Mapping in Web of Science. **Social Sciences**, n. 9, p. 1–16, 2020.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. HIDALGO, Claudia Rodríguez; SANMARTÍN, Catalina Mier; SALAS, Gabriela Coronel. *Fake News* y Política: nuevos desafíos para las campañas electorales. **Risti**, p. 351–362, 2020.

JOURDAN, Camila Rodrigues. Desacordos Profundos na Guerra das Formas de Vida. **O que nos faz pensar**, v. 29, n. 49, p. 57–77, 2021.

LACLAU, Ernesto. Populismo: ¿qué nos dice el nombre? In: PANIZZA, Francisco (comp.). **El Populismo Como Espejo de la Democracia.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

MAIA, L. R. H., SPANIOL, B. P. N., KLEIN, E. J. da C. Populismo digital e Autenticidade Fabricada na Campanha de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 2, p. 1–20, 2022.

MAIA, Rute Rita. Um Estudo Sobre Populismo e Redes Sociais Online. **Revista Comunicando**, v. 9, n. 1, 2020.

MANGEROTTI, Paulo, RIBEIRO, Vasco, GONZÁLEZ-ALDEA, Patricia. Populismo, Twitter e Comunicação Política: análise dos tweets de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018. **Braz. Journal. Res.** v.17, n. 3, p. 1–32, 2021.

MOUFFE, Chantal. Wittgenstein, Political Theory and Democracy. In: MOUFFE, Chantal (org.). **Por um Populismo de Esquerda.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MUDDE, Cas. “O Zeitgeist Populista”. **EXILIUM Revista De Estudos Da Contemporaneidade** v. 2, n 3, p. 263–298, 2021.

PAVÃO, Nara, PEREIRA, Frederico B., BUENO, Natália S. NUNES, Felipe. Fake News, Fact Checking, and Partisanship: The resilience of rumors in the 2018 Brazilian Elections. **The Journal of Politics**, v. 84, n. 4, p. 2188–2201, 2022.

PEREIRA, Frederico B., BUENO, Natália S., NUNES, Felipe, PAVÃO, Nara. DOS SANTOS, João P. O., WIRTSCHAFTER, Valerie. Detecting Misinformation: The Spread of False News by Political Leaders in the Global South. **No prelo.**

PICH, Roberto Hofmeister. Wittgenstein Sobre a Certeza, Regras e Normas. **Dissertatio**, volume suplementar, p. 151–179, 2015.

RECUERO, Raquel & GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galaxia**, n. 41, p. 31–47, 2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico – retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROSANVALLON, Pierre. **O Século do Populismo**. Rio de Janeiro: Ateliê de humanidades editorial, 2021.

SILVA, Marcos. Contra o Dogmatismo Realista: notas sobre acordos e jogos. **Trans/form/Ação**, v. 44, n. 3, p. 287-312, 2021.

SILVA, Marcos. Verificacionismo, Expressivismo, Inferencialismo: Uma leitura normativa. **Veritas**, v. 65, n. 3, p. 1-15, 2020.

TORFING, Jacob. **New Theories of Discourse**. Oxford: Blackwell, 1999.

URBINATI, Nadia. A Teoria Política do Populismo. **Exilium**, n. 3, p. 299-334, 2019.

VOSOUGHI, Soroush, ROY, Deb, ARAL, Sinan. The Spread of True and False News Online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Fichas (Zettel)**. Lisboa: Edições 70, 1989.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Lisboa: Caloustre Gulbenkian, 1987.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Sobre a Certeza**. Lisboa: Edições 70, 2022.



ALBÉRICO ARAÚJO SIAL NETO

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Bolsista CNPq.



REGINALDO CLÉCIO DOS SANTOS

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).